

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE ARTES - IdA
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS - VIS

MARLI FLORENTINO GARCIA DA SILVA

CROCHETANDO TRAMAS DE VIDAS

BRASÍLIA

2016

MARLI FLORENTINO GARCIA DA SILVA

CROCHETANDO TRAMAS DE VIDA

Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Plásticas, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Orientadora: Prof^a. Dra. Lisa Minari Hargreaves

Brasília

2016

MARLI FLORENTINO GARCIA DA SILVA

CROCHETANDO TRAMAS DE VIDA

Monografia apresentada à banca examinadora da
Universidade de Brasília para obtenção do título de
Licenciatura em Artes Plásticas

Orientadora: Profa. Dra. Lisa Minari Heargreaves

Conceito/nota: _____ Aprovado em: _____

Brasília, _____ de _____ de 2016.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Christus Menezes da Nóbrega

Profª Dra. Tatiana Duarte Menezes

Resumo

O presente TCC busca a implantação de oficinas em espaços públicos, a fim de incentivar à produção cultural como incentivo à produção artística. Para conduzir aos objetivos deste trabalho realizou-se oficinas de crochê com mães de crianças internadas no Hospital Regional de Taguatinga – HRT. A acessibilidade se deu pela parceria da Professora Orientadora Lisa Minari Hearnreaves com a pedagoga e estilista Sandra Lima, que atua como coordenadora da Brinquedoteca Renato Russo. Os resultados mostram como o crochê, pode ser transformado em atividades poéticas num espaço público.

Sumário

1	As primeiras tramas	07
2	Como se originou o crochê	12
3	O desenrolar das tramas	14
4	O crochê no Brasil	17
5	Oficinas de Crochê na Paraíba	19
6	O crochê na Moda	20
7	Crochê e Produção Criativa	25
8	Proposta de Oficina Em Espaços Públicos	29
9	Considerações Finais	35
10	Referências	36

Brasília

2016

Lista de Imagens

Figura 1: Boneca Tibúrcia.....	06
Figura 2: Dona Dica Frasão com meu marido Josmar Garcia.....	08
Figura 3: Eu e Dona Dica.....	09
Figura 4: Placa do Museu Dica Frasão.....	09
Figura 5: Detalhes do Livro de Mlle Riego.....	15
Figura 6: Eu vim de longe para te ter.....	18
Figura 7: Iara, Expedição Outono.....	18
Figura 8: Cortina de Crochê.....	18
Figura 9: Jessica Morillo.....	19
Figura 10: Acessório Jessica Morillo.....	20
Figura 11: Acessório Jéssica Morillo.....	20
Figura 12: Giovana Dias.....	21
Figura 13: Vestido Giovana Dias.....	21
Figura 14: Vestido Herchcovich.....	23
Figura 15: Almofada Grany.....	24
Figura 16: Cactus e Suculents.....	25
Figura 17: Cactus e Suculents.....	25
Figura 18: Sem Título, Maria Neponuceno.....	26
Figura 19: Sem Título, Maria Neponuceno.....	27
Figura 20: O Tempo, Marli Florentino.....	27
Figura 21: Sem Título, Marli Florentino.....	28
Figura 22: Eu, Sandra Lima e Dona Lurdes.....	30
Figura 23: Tipo de Gráfico usado nas oficinas.....	31
Figura 24: Brinquedoteca Renato Russo.....	32
Figura 25: Trabalhos realizados por mães.....	32
Figura 26: Crochetando Tramas de Vidas.....	35

1. AS PRIMEIRAS TRAMAS

Meu processo de conhecimento sobre artes remonta a minha infância, vendo meus pais, quando criança era muito observadora e estava sempre procurando aprender. Meu pai, era juntamente com meu avô, empregado de uma fazenda em Viçosa, Minas Gerais. Acredito que o artesanato realizado por eles era de origem africana, pois a família de meu avô paterno era negra e descendentes de escravos africanos com mistura indígena, produziam bombonières e bolsas de capim seco, trançava-os com cruzetas de bambu e coloria os miolos com papel celofane, para o acabamento usava tranças, do mesmo material, infelizmente não tenho fotos, tampouco continuei esta herança de família, acredito que talvez essa lembrança tenha incutido em mim o amor pela produção criativa, especialmente as que envolvem linhas. Minha mãe, paulista e neta de italianos, era costureira e o contato com a máquina e os tecidos fez com que minha brincadeira preferida fosse costurar roupinhas de bonecas, que fazia com os retalhos coloridos que sobravam das peças que ela realizava. Fazia bonecas de pano para minha irmã caçula. Todos aqueles restos de tecidos coloridos aliados a esta brincadeira acabaram por me tornar uma costureira também. Aprendi corte e costura quando era moça, antes de casar, a uns trinta anos atrás, desde então confecciono meus próprios vestidos, bem como os de minhas duas filhas.

Figura (1) Boneca Tibúrcia, 1980



Fonte: Acervo de Família

O desenvolvimento deste trabalho veio da crença pessoal de que para aprender algum ofício ou arte, é necessário que exista, um espaço aberto ou mesmo uma sala, pessoas com disposição para aprender e alguém que ame compartilhar este saber pois uma mente aberta é como uma caixinha com infinito espaço para aprender diversas atividades. O aprender para mim é uma busca incansável de novos saberes, participei de diversas oficinas no decorrer de minha vida tais como oficina de pintura em tecido, oficina de pintura em telas, entre outras, o que me fez perceber que o ensinar e aprender através de oficinas era muito atrativo.

Minha opção de curso, Artes Plásticas, também está inteiramente ligada à habilidade com cores, linhas, objetos que possam expressar minhas preferências e objetivos aqueles que me rodeiam e foram as linhas que fizeram com que eu me encantasse pelo crochê, que resolvi incluí-lo neste trabalho. Mas, como transformar esta técnica numa obra de arte?

Começo por dizer como aprendi esta técnica. Foi por pura teimosia. Minha mãe na década de setenta, conseguiu umas revistas japonesas que possuíam umas ilustrações dos pontos básico do crochê, não tínhamos nem linha nem agulha, assim improvisamos por desmanchar uma colcha vermelha que tinha umas franjas, destes fios e de agulhas improvisadas com grampos de cabelo, iniciei este aprendizado. Com o passar dos anos, este desejo de aprender o crochê ficou um pouco adormecido devido a muitas outras responsabilidades.

Nos anos noventa voltei a ter interesse pelo crochê, por conta de minha primeira gravidez. Na época morava em Pereira Barreto, interior de São Paulo, e foi lá que consegui comprar agulhas de verdade e barbantes, além das revistas japonesas que continham gráficos, que aprendi a ler sozinha sem ajuda de um professor. Em dois meses fiz um tapete de barbante com a estampa de um cavalo galopante de cerca de dois metros por dois. Era grande e foi muito elogiado. Esta minha história de vida, de ter que, em um espaço diferente procurar produzir coisas influenciadas por esse mesmo lugar, me influenciou na busca por pessoas que também passam ou passaram por esse mesmo processo.

Outro fator que marcou minha trajetória com o crochê se passou em uma viagem, a passeio, que fiz ao Pará. Passeando nas ruas de Santarém descobri um

museu chamado “ Museu Dica Frasão”. Quando adentramos o local, eu e meu marido ficamos encantados com uma senhorinha falante e de uma memória fascinante! Ela nos contou que era dona de casa, viúva e que, quando jovem, com seis filhos para criar, viu na natureza da rica floresta amazônica uma fonte de renda, daí o início da sua produção, “ desde as penas coloridas dos alados amazônicos, até as espatas das palmas de ubuçu, de cujas fibras ela sabe tecer o “tucuri” dos vestuários mais exóticos” (SENA, 2014).

Figura (2), Dona Dica Frasão com meu marido Josmar Garcia, 2015



Fonte: Acervo de Família

A identificação que tive com essa ilustre figura foi muito grande, em primeiro lugar por sua persistência, depois por suas obras que se voltam para o vestiário e também o crochê.

Figura (3), Eu e Dona Dica, 2015



Fonte: Acervo de Família

Figura (4), Placa do Museu Dica Frasão, 2015



Fonte: Acervo de Família

Os anos se passaram e a vida de dona de casa e mãe foram proporcionando tempo para que eu fizesse muitas roupas e tapetes para uso pessoal, bem como para presentear meus familiares.

Ao ingressar na Universidade, percebi que a mesma me proporcionou grande aprendizado me deu motivação para aprimorar o ensino da arte para as pessoas e

mais além, me fizeram acreditar que ensinar uma atividade que possa dar ao aluno uma possibilidade de renda, o anime para aprender cada vês mais. Este trabalho tem como foco principal a participação em oficinas como incentivo às atividades artísticas. As disciplinas que mais me agradaram no percurso universitário são as que envolvem os trabalhos manuais, em especial a pintura, a xilogravura e até mesmo algumas disciplinas optativas no departamento de desenho industrial como a encadernação artesanal. Estas disciplinas necessitam de um espaço adequado, para o pleno desenvolvimento de suas diversas etapas de trabalho. Poderia ter escolhido qualquer dessas disciplinas para desenvolver na minha proposta, mas escolhi o desenvolvimento de algo que tivesse relação com a cultura do país e que pudesse ser oferecido como uma oficina. Objetivando o trabalho artístico como produto final, não simplesmente um crochê como peça decorativa.

Esta não é uma atividade nova, o governo brasileiro tem incentivado o trabalho em oficinas, no intuito de realizar programas que visam a capacitação e sensibilização voltados para o meio-ambiente. As oficinas de arte educação em geral tem o apoio de Organizações não governamentais ambientalistas, artistas plásticos e outros voluntários, que possuam conhecimentos técnicos ou sejam capazes de transmitir de forma lúdica ou utilizando meios áudio visuais

De acordo com as crenças já mencionadas surgiu uma outra questão, como experimentar essa ideia de levar o crochê como possibilidade de transformar estes trabalhos em obras de arte? Como incluir as oficinas nas escolas ou em espaços públicos?

Com o incentivo de minha orientadora Lisa Minari, comecei a visitar o Hospital Regional de Taguatinga, onde a pedagoga Sandra Lima, orienta as crianças internas a realizar suas tarefas escolares, percebi que as mães destas crianças, suas acompanhantes, poderiam aprender o crochê com o intuito de que a partir de seus trabalhos seus filhos possam transformar estes em trabalhos artísticos de arte, a fim de conhecerem as diversas possibilidades do crochê ser usado nas tarefas de arte das crianças, visto que algumas dessas crianças faziam as atividades escolares sob a orientação da pedagoga Sandra Lima..

Com estas experiências de artistas, aguçou em mim a vontade de realizar mais, de partilhar estes saberes que não podem ser esquecidos.

2. COMO SE ORIGINOU O CROCHÊ

Segundo o artigo de Ruthie Marks, a palavra "crochê" tem origem no francês medieval *croké*, termo que designava um instrumento de ferro recurvado, uma espécie de gancho, que permitia suspender ou segurar alguma coisa. No século XIX, surge na França a expressão *broder au crochet* (literalmente, "bordar com o gancho").

Segundo os historiadores, os trabalhos em crochê têm origem na Pré-história. A arte do crochê, como a conhecemos atualmente, foi desenvolvida no século XVI. O escritor dinamarquês Lis Paludan(1995) tentou descobrir a origem do crochê na Europa e fundamentou algumas teorias. Uma dessas teorias é de o crochê se originou na Arábia e chegou à Espanha pelas rotas comerciais do Mediterrâneo. Também há indícios posteriores da técnica em tribos da América do Sul, que usavam adornos de crochê em rituais da puberdade. Na China, bonecas eram feitas com a mesma técnica, entretanto o autor afirma que não há evidência concreta sobre quão antiga é a arte do crochê.

Outra teoria é de que a técnica de costura chinesa, uma forma primitiva de bordado que foi difundida no Oriente Médio e chegou à Europa por volta de 1700. Mas o crochê só começou a ser fortemente difundido em 1800. A francesa Éléonore Riego de la Branchardière desenhou padrões que podiam ser facilmente duplicados e publicou em livros para que outras pessoas pudessem começar a copiar os desenhos. Os trabalhos com a técnica do crochê podem ser realizados com qualquer tipo de fio ou material, a depender da peça a ser executada - uma toalha delicada ou uma colcha, um casaco, um tapete resistente etc.

Assim como os franceses, belgas, italianos e espanhóis, aqui no Brasil conhecemos essa técnica de costura com o nome de crochê, mas cada país tem sua tradução para o mesmo, *haken* na Holanda, *haekling* na Dinamarca, *hekling* na Noruega e *virkning* na Suécia.

De acordo com Ruthie Marks (apud, CGOA Web site , 2009) outras formas de tricô à mão, bordado e tecelagem pode ter origem na pré-histórica, tal afirmação só é possível graças aos estudos arqueológicos que, encontraram algumas fontes de

escrita e representações pictóricas de vários tipos, mas ninguém tem a certeza quando e onde o crochê teve seu início.

A especialista em crochê e viajante Annie Potter (1995) comentou: "a verdadeira arte moderna do crochê como a conhecemos hoje foi desenvolvida durante o século XVI. Tornou-se conhecido como 'laço do crochet' na França e 'corrente do laço' na Inglaterra. A autora complementa, em 1916 " Walter Edmund Roth visitou descendentes de índios da Guiana e mencionou ter encontrado exemplos de crochê de verdade".

A pesquisa de Paludan (1995), sugere que o crochê provavelmente tenha sido desenvolvido mais diretamente do bordado chinês, uma forma muito antiga de bordado conhecido na Turquia, Índia, Pérsia e norte da África, que alcançou a Europa.

Quando apareceu na Europa no início de 1800, o crochê teve um impulso tremendo por Mlle Riego de la Branchardiere, que era conhecida por sua habilidade de pegar agulha de estilo antigo e desenhos de renda de bilros e transformá-los em padrões de crochê que poderiam facilmente ser duplicados, ela publicou muitos livros padrões para que milhões de mulheres pudessem começar a copiar seus desenhos. Mlle Riego também reivindicou ter inventado o crochê "*lace-like*", "hoje chamado crochet irlandês. (BRANCHARDIERE, Knitting Book, 1848)

O crochê já foi capaz de salvar a vida de toda uma população. Esta é uma curiosidade marcada na história do crochê que se passou na Irlanda, mais precisamente na época de sua grande crise conhecida como "A fome da batata", que durou de 1845 a 1850. Naquele período, as condições de vida e trabalho para os irlandeses foram duras. Eles produziam malhas entre as tarefas da fazenda ao ar livre para aproveitar a luz solar. Depois de escurecer, iam para dentro de casa trabalhar a luz de uma vela, um fogo de combustão lenta turfa ou uma lâmpada de óleo. Depois de muito produzirem, encontraram um grande obstáculo, onde guardariam seus trabalhos de crochê? Sem dinheiro para acondicionar seus trabalhos, o único lugar que encontraram foi debaixo da cama onde inevitavelmente os trabalhos foram ficando sujos. Felizmente, aquele artefato tão cuidadosamente trabalhado pode ser lavado e seu brilho original completamente recapturado. Ironicamente, os compradores no exterior não estavam cientes de que suas

delicadas golas e punhos foram feitos em habitações primitivas, sob condições de extrema pobreza desafiando a sujeira e a escuridão.

Os trabalhadores irlandeses, homens, mulheres e crianças organizaram-se assim, em cooperativas de crochê, mais tarde escolas foram criadas para ensinar tal habilidade e os professores foram treinados e enviados para toda a Irlanda, onde os trabalhadores criavam seus novos padrões. Apesar de mais de um milhão de pessoas terem morrido em menos de 10 anos, o povo irlandês sobreviveu a fome graças ao crochê, famílias tiveram nessa técnica sua principal fonte de renda, o que lhes deu a oportunidade de juntar o suficiente para emigrar e começar uma nova vida no exterior, espalhando a arte do crochê por todo o mundo. Potter (1990) diz-nos que dois milhões de irlandeses emigraram para América entre 1845 e 1859, 4 milhões em 1900. As diversas técnicas de trabalhar os fios foram aumentando no decorrer do tempo, uma variedade de materiais foram utilizados: cabelo, gramíneas, juncos, pelo de animais, cânhamo, seda, fios de linho, de lã, de ouro e de prata e de cobre, fio de algodão branco, lã, fio de algodão misturas, fios de metal e mistura de materiais, já as agulhas eram produzidas com osso animal, chifres, velhas colheres, dentes de pentes descartados, bronze, madrepérola, dente de Morsa, carapaças de tartaruga, marfim, cobre, aço, borracha, ebonite, prata e ágata.

3. O DESENVOLVER DAS TRAMAS

Hoje temos à nossa disposição, uma enorme variedade de linhas de algodão, lã, seda, além de fios sintéticos podendo inclusive realizar o crochê com fio de cobre, tiras de plásticos, sisal, juta, sucatas de tecidos.

Nos primeiros séculos, o homem utilizou o crochê para suas tarefas corriqueiras. Caçadores e pescadores criaram, a partir de fios de fibras, tecidos, cordas ou tiras de pano, armadilhas para uso na caça e pesca. Além da caça, o crochê também foi usado para confecção de jogos e utensílios de cozinha. Além do uso cotidiano, o crochê foi também usado para decorações em datas comemorativas tais como ritos religiosos, festas, casamentos ou funerais. Muitos trajes cerimoniais eram ornamentados com detalhes em crochê e enfeites decorativos para braços, tornozelos e pulsos.

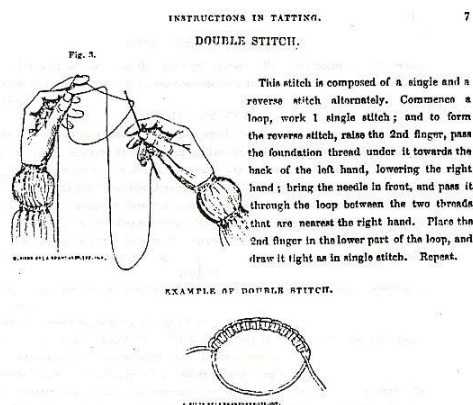
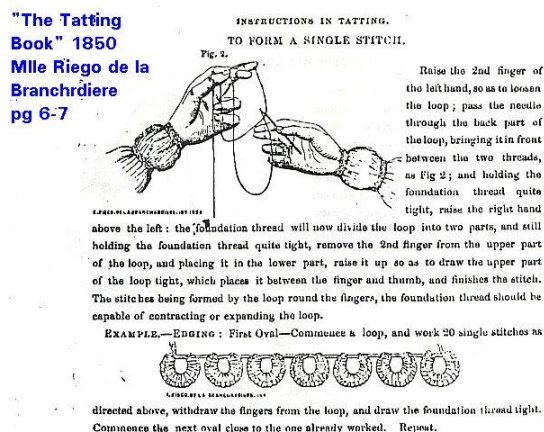
Na Europa do século XVI, a realeza e os ricos se esbanjavam em renda de algodão, vestidos, casacos, chapéus - e as pessoas pobres sonhavam em usar tais coisas. Então, presume-se que o crochê foi desenvolvido como uma imitação do povo pobre das rendas dos ricos.

Na década de 1960 e 1970 crochê apareceu como um meio de forma livre de expressão que pode ser visto hoje em esculturas tridimensionais, artigos de vestuário, ou tapetes e tapeçarias que retratam cenas e desenhos abstratos e realistas.

É interessante comparar métodos de crochê do passado com aqueles que usamos hoje. Nos padrões de hoje, o trabalho pode ser usado de ambos os lados direito ou avesso do tecido que estamos criando. Esta mudança veio aproximadamente na virada do século XX. Paludan (1995) especula que a admoestação para manter a mesma tensão "acredito que os ganchos do crochê eram da mesma espessura e que o fio, a fim de que a tensão dos pontos ficasse correta de acordo com modelo". Instruções de padrão antigo, datando cerca de meados de 1800, indicaram que o gancho era para ser inserido na parte de trás metade do ponto apenas, usando uma única agulha de crochê. (apud, MARKS, Ruthie, 1997)

Livros de crochê foram encontrados em muitos países, muitas vezes traduzidos de uma língua para outra. O mais notável especialista em crochê foi Mlle Riego de la Branchardiere, que publicou mais de cem livros, muitos sobre crochê.

Figura (5), detalhe do livro de Mlle Riego, 1848



Fonte: <http://www.georgiaseitz.com/2007/riego1850pg67.jpg>

Os livros de crochê em meados de 1800 eram pequenos, a apenas cerca de 4 polegadas por 6 polegadas, e incluía ilustrações em xilogravura. Estes pequenos tesouros, referindo-se aos livros de Mlle Riego, explica Paludan (1995): “padrões contidos para branco laço-corno colarinhos, punhos, laço, inserções e tampões para mulheres e crianças, juntamente com os padrões para bolsas e chinelos masculino e bonés. Os materiais recomendados para crochê branco (inserções, orlas, esteiras, aparar para roupa interior) foram fio de algodão, fio de bobina (linha escocesa em bobinas), roupa ou fio de cânhamo. Para trabalhos coloridos, seda, lã e fios de chenille, bem como fios de ouro e prateado, foram sugeridos”.

Atualmente com o advento da internet, fica muito fácil aprender a técnica. Encontramos também no Youtube, cursos gratuitos para aprender as técnicas. Como o crochê chegou até nossos dias é uma grande fonte de pesquisas. Cada país, cada lugar tem uma história e “casos” de como cada artista aprende sua técnica. Aprendi

numa oficina, vendo minha avó fazer e assim cada trama de vida é lançada, cada pessoa com sua própria trama de vida.

4. O CROCHÊ NO BRASIL

Um dos trabalhos que me inspirou a desenvolver este tema foi o livro de um de meus professores da Universidade, Christus Nóbrega “Renda Renascença”(2005) traz a história das rendeiras do estado da Paraíba. Seu objetivo seria juntamente com o Sebrae Paraíba: “documentar e tornar públicas as memórias das artesãs do Cariri paraibano”, bem como trabalhar para a sua preservação e manutenção”. (NOBREGA, 2005). Essa pesquisa foi importante para que eu obtivesse maior interesse em incluir, neste trabalho, a cultura do nosso país, apesar de não ter focado em renda renascença, e sim no crochê, a leitura da mesma enriqueceu muito meu projeto.

O Professor Christus desenvolve diversos projetos que estão relacionados com a cultura brasileira, como uma continuação da pesquisa mencionada o professor tem desenvolvidos outros interessantes projetos como o Projeto Expedição Outono por exemplo, que tem como objetivo adentrar a floresta amazônica para procurar e colher folhas de árvores centenárias da região e sobre elas imprimir fotos de álbuns de família antigos. Assim como fizeram muitos artistas, que no século XVI foram contratados pelo governo a fim de registrar por meio de suas pinturas e desenhos a flora, fauna e os povos que aqui residiam, este projeto de uma maneira artística volta a nossa atenção, tanto a natureza como a história de nosso povo:

No Brasil, desde a chegada dos primeiros exploradores no século XVI, artistas viajantes foram contratados pelos governos locais para percorrerem o território nacional com o objetivo de registrar por meio de pinturas e desenhos a fauna, flora e os povos que aqui viviam. Assim, tendo a viagem exploratória como premissa para produção artística, o projeto Expedição Outono teve como objetivo adentrar a floresta Amazônica para procurar e colher folhas de árvores centenárias da região e sobre elas imprimir fotos de álbuns de família há muito esquecidos. (ITAÚ CULTURAL, artistas viajantes, § 1)

Figura (6), Eu vim de longe para te ter, 2014



Fonte: Christus Nóbrega, Acervo do Artista

Figura (7), Iara, Expedição Outono, 2014



Fonte: Christus Nóbrega, Acervo do artista

5. OFICINAS DE CROCHÊ NA PARAÍBA

Muitos estados brasileiros onde o turismo é um dos principais meios de sustento, podemos observar centenas de mulheres expondo seus trabalhos, colchas, toalhas, redes, roupas e muito mais. Nos estados do Nordeste, nos estados do Sul do País, nas Grandes capitais, onde há feiras de artesanato, o crochê é um dos principais artesanatos vendidos. Bandeirinhas e balões, cactos do sertão e barquinhos do litoral estão entre os temas regionais que compõem as peças produzidas pelas crocheteiras da Paraíba. O serviço Brasileiro de Apoio às Micro Empresas, SEBRAE, tem como objetivo investir na capacitação profissional e obter uma produção diferenciada além de fortalecer a economia do estado.

Figura (8), Cortina de Crochê da Paraíba



Fonte: Antônio Ronaldo.

6. O CROCHÊ NA MODA

Muitos museus apresentam peças ricamente elaboradas em crochê. As peças da argentina Jessica Morillo que apresentou suas peças com a curadoria de Miriam Mirna Korolkova, na Casa Museu Objeto Brasileiro em São Paulo em 2016. São trabalhos que reúnem técnicas tradicionais com o resgate da Cultura local de Tucumán, onde a artista nasceu. O trabalho da jovem artista alia o resgate de técnicas tradicionais como o crochê a uma irreverência bastante própria, trazendo identidade às suas peças. Suas peças são expostas como arte e também vendidas como acessórios.

Figura (9), Jéssica Morillo, 2016



Fonte: revista eletrônica Time Out, São Paulo.

Figura (10), Acessório Jessica Morillo, 2016



Fonte: Tomas Kolish.

Figura: (11), Acessório Jessica Morillo, 2016



Fonte: Tomas Kolish

Nas passarelas o crochê também vem sendo bem representado por muitos estilistas como por exemplo Giovana Dias, que pertence a uma família mineira com muita criatividade com costura e bordado, sendo que desde pequena desenvolveu a habilidade com linhas e agulhas. Após grande destaque na temporada baiana resolveu encarar o mercado paulistano com suas coleções feitas à mão, comercializadas em seu atelier localizado no bairro de Pinheiros.

Figura (12), Giovana Dias, 2013



Fonte: Henrique Melo.

A marca nasceu com o desejo de sua estilista em revelar ao mercado o “crochê moderno”, reinventando uma técnica ainda vista como antiga. Inicialmente desenvolveu biquínis de crochê com fios de elastano e, juntamente com Alice Capella lançou-se ao mercado com peças de moda praia, acessórios e, posteriormente, vestuário casual e festivo. Suas coleções transitam hoje por outros elementos de trabalho artesanal, como a seda e o couro, com muita personalidade. GIOVANA DIAS, site, 2013).

Figura (13), Vestido Giovana Dias,2013



Fonte: crochedaanjinha.blogspot.com.br

Outra marca famosa, Dolce & Gabbana de Domenico Dolce e Stefano Gabbana que estrearam juntos em 1986, fazem muito sucesso nas passarelas de moda. Com o crochê como fio condutor, criam roupas românticas e com apelo sexual. Sua marca dramática e sexy é inspirada na Itália.

Figura (12), Dolce & Gabbana, Vestido de crochê , 2012



Fonte: Style.com., 2012,

O Crochê geralmente combina com tecidos leves, peças de alfaiataria e peças mais simples. O estilista Alexandre Herchcovitch, também aposta no crochê em seus desfiles, traz peças mais pesadas de crochê e de Macramé, cuja intenção é realmente fazer alusão a redes de pescar e dar aquele ar mais pesado. Herchcovitch produz trabalhos em crochê repletos cheios de pedrarias e bordados, deixando quem assiste seus desfiles admirados com sua criatividade.

Figura (!4), Vestido Herchcovich, 2010



Fonte: Camila Lima.

7.CROCHÊ E PRODUÇÃO CRIATIVA

Figura (15), Almofada Granny, Po! Paris, 2012.



Fonte: Claudia Gazel.

Em Paris, os trabalhos realizados em crochê vêm sendo muito valorizado em diversas lojas. As novas gerações têm redescoberto o crochê, que é um dos artesanatos valorizados atualmente. Nas lojas e feiras de rua de Paris, podem ser encontrados diversos itens de colchas a vasos elaborados com crochê. (Casa Vogue, revista eletrônica, 2012)

Figura (16), Cactus e Suculents, 2012



Fonte: Associação Sul Africana Projekt, na Mahatsara, foto de Claudia Gazel.

Figura (17), Cactus e Suculents , 2012



Fonte: Claudia Gazel, 2012

Além destes trabalhos, encontrados na Cidade Luz, galerias de arte tem expostos diversas obras que tem o crochê como fio condutor. Na exposição “Gigante pela própria natureza” (2011), realizada em Valência na Espanha teve o crochê como principal elemento nas obras e destacando o ritmo como um dos elementos de linguagem visual da cultura brasileira:

E isto faz parte do atual Brasil que escolhemos como um conceito para a mostra Gigante pela Própria Natureza, cujo título responde a uma frase retirada do o hino nacional, e resumindo de como afiada e claro, duas das grandes forças brasileiras: sua magnitude física extraordinária e a poderosa presença da natureza em todos os tipos da vida cotidiana. O Brasil é, portanto, o eixo de acionamento, que serve para mostrar por meio de artistas brasileiros ou que tenham residido no Brasil, seus pensamentos, suas impressões, seus sentimentos e suas palpitações com relação a este país. (IVAN, 2011)

As obras de Maria Neponuceno, tem como inspiração sua origem indígena. A obra abaixo representa os cordões umbilicais de seu filho, inspiração que teve durante uma gravidez, num exame clínico viu o cordão dando voltas ao redor do pescoço do bebê , ao mesmo tempo que este cordão oferecia o alimento , trazia um perigo iminente de morte. Nesta ocasião passou a fazer enormes trabalhos com cordas, juntamente com crochê.

Figura (18), Sem título, Maria Neponuceno, 2010



Fonte: <http://www.ivam.es/exposiciones/gigante-por-la-propia-naturaleza-2>

Figura (19), Sem Título, Maria Neponuceno, 2010.



Fonte: <http://www.ivam.es/exposiciones/gigante-por-la-propia-naturaleza-2/>

Com crochê como inspiração, desenvolvi algumas pinturas que enfocam a linha, o tempo e as cores. O crochê apesar de ser um trabalho técnico, pode ser usado em outras dimensões sem ser um enfeite sobre um móvel, ou mesmo como uma vestimenta ou acessório. Procurei desenvolver alguns trabalhos de pintura relacionados com este artesanato. Usando um trabalho como serigrafia, numa tela ou usando apenas uma correntinha que representa um túnel do tempo, tempo este que como uma corrente, tem seus elos, como uma marcação de um relógio um a um, que denotam as diversas atividades do dia-a-dia do ser humano.

Figura (20), O Tempo, Marli Florentino, acrílica sobre tela, 050x060, 2014.



Fonte: Acervo pessoal

Figura(21), Sem título, Marli Florentino, Acrílica sobre tela, 050x0,60, 2014



Fonte: Acervo pessoal

8. PROPOSTA DE OFICINAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS

Esta pesquisa teve como espaço, a brinquedoteca Renato Russo no Hospital Regional de Taguatinga, a pedagoga Sandra Lima coordenadora desse espaço ouviu minha proposta e permitiu que eu ensinasse os primeiros passos do crochê para algumas mães de crianças internas.

Por indicação de minha orientadora Lisa Minari Hargreaves, dirigi-me até o hospital para colocar em prática este projeto de ensinar o crochê num espaço público. Foi muito gratificante conhecer a experiência de vida da pedagoga e estilista Sandra Lima, ela me contou que foi em uma oficina que criou uma “libélula” de fios de arame que foi o tema de uma de suas primeiras exposições. Com seu projeto para a Brinquedoteca, conseguiu apoio de ONGs, que deram apoio para montar o espaço.

As mães das crianças ficam com os seus filhos durante o período em que eles ficam internados para tratamento. Neste espaço da brinquedoteca, as crianças

podem realizar diversas atividades, desde jogos, pinturas, brinquedos, e atividades escolares orientadas pela pedagoga e estilista Sandra Lima. Não apareceu nenhum pai para participar das oficinas.

O foco da minha prática era, a princípio, ensinar as mães os pontos básicos do crochê, para tanto, levei algumas linhas e agulhas e com ajuda de alguns gráficos, passei a dar às mães uma noção básica de como pegar na agulha, como dar as primeiras laçadas e aprender a fazer a leitura dos gráficos do crochê. Realizei pelo menos três visitas, durante o período da manhã, horário um pouco tumultuado, porque geralmente os médicos prescrevem alta e fazem as visitas de rotina aos pacientes.

Algumas mães, apresentaram algumas dificuldades no início, sempre diziam que sua mãe, tia ou avó faziam crochê, mas que elas mesmas não possuíam o “dom”. Foi muito encorajador quando uma mãe me disse: “Vou fazer vários tapetes para minha casa”. Mas meu objetivo ali era ensinar o crochê para as mães e incentivar as crianças a transformar estes trabalhos em algum objeto artístico. Pois assim como diz Ana Mae Barbosa sobre produção criativa na escola:

O primeiro ponto é que a experiência estética em geral, incluindo aqui um de seus aspectos particulares, a experiência estética visual, já é desfrutada pelo indivíduo antes que ele entre para a escola. Portanto, não a introduzimos para nossos alunos mas incrementamos a partir de algo que já está lá. O segundo, é que as artes plásticas, que entre outros estímulos, provocam a experiência estética visual, devem incluir hoje muito mais que óleo em moldura dourada e o mármore sobre o pedestal dos museus. Devem incluir artesanato e arte popular, em particular, e a mídia eletrônica como cinema e televisão. O terceiro aspecto é que a produção de arte de ateliê não é necessariamente a maneira mais eficaz de promover o crescimento em extensão e qualidade da experiência estética visual. (BARBOSA , p. 72, 2010)

Figura (22), Eu, à esquerda, Sandra Lima à direita e Dona Lurdes Cândido Guiote acima, 2016

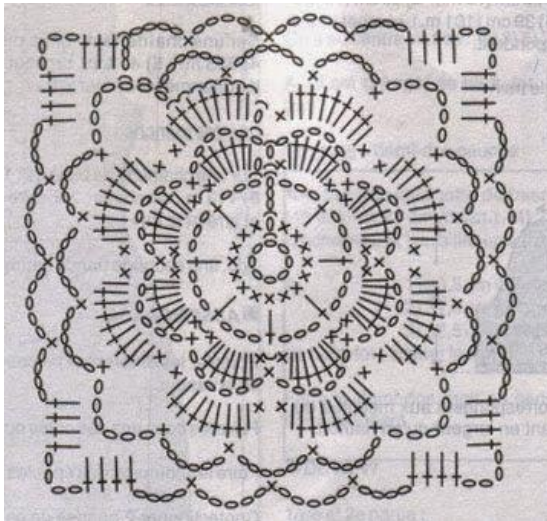


Fonte: Acervo Pessoal.

Algumas mães ficavam sentadas cuidando de seus filhos e enquanto brincavam eu fazia a abordagem, questionando para elas se gostariam de aprender o crochê. Mostrava a elas o gráfico e ensinava os pontos básicos. Algumas demonstraram maior dificuldade no início, ensinei como pegar a agulha e segurar tanto a linha como o trabalho. A Sandra também procurava nos quartos, mães interessadas em participar da oficina. As vezes apareciam três ou mais mães, até mesmo algumas crianças se interessaram em pegar na agulha.

A Brinquedista, Dona Lurdes, também tirou uns momentos em que a Brinquedoteca estava sem muito movimento de crianças para aprender, conversamos sobre o projeto da ONG, que ajuda na manutenção da brinquedoteca, que é voltado para ajudar as pessoas com soro positivo ao vírus da AIDS.

Figura (23) Tipo de gráfico usado nas oficinas



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/378443174910990451/>

Nesses momentos, além de trocar saberes, desenvolvemos um diálogo, em que elas falavam sobre suas histórias de vida, o porquê de seus filhos estarem ali e algo sobre sua experiência com artesanato.

Na maioria das vezes se referiam sempre a alguém que tentou ensiná-las, mas que não tinham conseguido aprender. Apesar do curto tempo que estive com cada mãe ali, algumas por duas vezes, outras apenas uma vez, foi possível perceberem a importância de realizar uma tarefa que possa lhes proporcionar momentos de prazer e até mesmo uma renda em momentos difíceis. Acredito que por meio de experiências colaborativas possam assim como diz Roberto Martini trazer “um mundo menos comoditizado e mais colaborativo”.

Assim como nos fundamentos da Linguagem visual, “o ponto é a unidade de comunicação mais simples e irredutivelmente mínima” (DONDIS, 2000, p. 53), os primeiros pontos do crochê apesar de simples passam a ter uma importância básica em todos os trabalhos que serão iniciados. E como: “A linha descreve uma forma” (DONDIS, p. 57, 2000), os pontos do crochê feitos a partir de linhas, vão se transformando em diversos projetos que a mente pode imaginar.

Figura (24), Brinquedoteca Renato Russo, 2016



Fonte: Acervo Pessoal

Figura (25), Trabalhos realizados por mães de crianças internadas no HRT, 2016



Fonte: Acervo pessoal

Algumas dificuldades obviamente ocorreram nesta proposta, pois o ambiente hospitalar apresenta suas particularidades. Em geral as mães que estavam aprendendo, tinham de parar o aprendizado várias vezes para atender as crianças,

pois algumas eram muito pequenas, ou estavam carregando o suporte do soro, ou estava na hora do médico vê-las. Como a área da pediatria na Brinquedoteca, na maioria das vezes eram crianças pequenas, foram várias experiências que foram úteis para uma próxima abordagem. Um exemplo foi de uma garotinha que associou a agulha de crochê às agulhas em geral usadas nos procedimentos do hospital. Foi um desafio fazer amizade com ela, pois quando me via, achava que talvez fosse lhe dar uma injeção, ou coisa parecida. Apesar de sua mãe tentar acalmá-la, os trabalhos iniciados não tiveram uma continuação, pelo menos não no hospital. Até a Sandra sugeriu que ao invés de referir-se à agulha de crochê usasse outro nome fictício, como por exemplo a “varinha da Fada”, o que poderia ter evitado o choro da garotinha e facilitado o aprendizado de sua mãe. Não tive sequer a oportunidade de tentar usar este termo, pois a menina não quis aproximação e a mãe aproveitou um momento em que a criança dormiu para tentar os primeiros pontos. Numa segunda vez que estive no Hospital, a garotinha não quis aproximação, apesar de minha tentativa de mostrar-lhe que a agulha de crochê era apenas um instrumento para produção de tramas.

Um garoto de aproximadamente uns oito anos de idade queria aprender, mas a mãe disse que aquilo era um trabalho para mulheres, Depois de dizer a ela que muitos homens sustentavam a família com este trabalho ela deixou ele pegar na agulha. Infelizmente devido a uma sociedade tão machista, muitos não aprendem esta técnica por preconceito de suas famílias.

Preconceito sem fundamento pois homens executam estes trabalhos de maneira excelente. Como fundamenta Nobrega sobre a renda renascença:

Embora a renda seja considerado uma atividade estritamente feminina, com raros exemplos de homens executando o *tecimento*, a criação do risco tem no Cariri, além dessas mulheres citadas, alguns homens como excelentes ilustradores. Como Damião Vital Pereira de Souza e Marcos Lásaro. Ambos de Monteiro, que aprenderam o ofício com a mestra artesã Maria Amantina da Silva. (NOBREGA, p. 120, 2005)

Figura (26), Crochetando Tramas de Vida ,HRT, 2016



Fonte: Sandra Lima.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção desta proposta é encontrar estes espaços e abrir novas oportunidades de aprendizado com técnicas culturais que podem por meio de tramas de vida, incentivar as pessoas em geral a encontrar na arte uma busca de saberes que enlaçam os fios da vida. Aqui o crochê foi o fio condutor, mas a cultura popular é muito rica e diversos temas podem incentivar os futuros artistas a criar suas próprias tramas de vida.

Ao meu ver, esta experiência de poder partilhar um conhecimento cultural e artístico com pessoas que possuem sua própria história de vida, é similar a uma trama confeccionada com muito amor e carinho. Partilhar o saber e além de tudo fazer um intercâmbio de saberes.

10. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae, **Arte- Educação: leitura no subsolo**.9ª edição, Editora Cortez, 2013.

DONDIS, A. Donis. **Sintaxe da Linguagem Visual**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo, Martins Fontes. 2000

KINSLER, Gwen Blakey Kinsler. **The Fine Art of Crochet**.2013

NÓBREGA, Christus de Meneses. **Renda Renascença: uma memória de ofício paraibana**. João Pessoa. SEBRAE/PB, 2005

SENA,Cristovam.**Dica Fraseão, a divina artesã**. Santarém.ICBS – Instituto Cultural Boanerges Sena, 2014

Pesquisas Digitais:

PRISCILA, Dias. **Projeto Oficina de Croche Íntimo Colorido**. Disponível em: <https://youtu.be/1XiRRnbmBB4>

PRISCILA, Dias. **Projeto Oficina de Costura Intimo Colorido**. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=VLyriXo8SAY>

KUBRUSLY,Maria Emilia. **Oficinas de Crochê Aprimoram o trabalho e valorizam o Artesanato Paraibano**. Casa e Jardim. Disponível em: <http://revistacasaejardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Decoracao/Brasil-em-Casa-e-Jardim/noticia/2015/04>

GAZEL, Cláudia. **Crochê em casa: tendência em Paris**. Disponível em: <http://casavogue.globo.com/Design/noticia/2012/12/croche-em-casa-tendencia-em-paris.html>

IVAM, Institut Valencia D'ART Modern. **Gigante por la própria naturaleza**. Disponível em : <http://www.ivam.es/exposiciones/gigante-por-la-propia-naturaleza-2/>

ITAU Cultural. **Artistas Viajantes** . Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3778/artistas-viajantes>, acesso em 23/06/2016

CAMARA dos deputados. **Sobre Arte e Educação**. Disponível em:<http://www2.camara.leg.br/responsabilidade-social/ecocamara/o-ecocamara/noticias/Oficinas%20Arte-Educacaom> 28/06/2012.

<http://www.timeout.com.br/sao-paulo/arte/events/3251/joias-em-fios-formas-e-cores>, acesso em 05/07/2016.

